



**MARIA ALICE DA SILVA XAVIER**

**INTERSEÇÕES ENTRE PSICODRAMA, EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO NÃO  
VIOLENTA: CONSTRUINDO UM ENSINO DIALÓGICO**

Conceição do Coité-BA  
2025

**MARIA ALICE DA SILVA XAVIER**

**INTERSEÇÕES ENTRE PSICODRAMA, EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO NÃO  
VIOLENTA: CONSTRUINDO UM ENSINO DIALÓGICO**

Artigo científico apresentado à Faculdade da Região Sisaleira como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Aderilson Anunciação de Oliveira.

Conceição do Coité-BA  
2025

Ficha Catalográfica elaborada por:  
Keite Birne de Lira – Bibliotecária  
CRB: 5/1953

X3      Xavier, Maria Alice da Silva  
          Interseções entre psicodrama, educação e comunicação não  
          violenta: construindo um ensino dialógico / Maria Alice da Silva  
          Xavier. – Conceição do Coité: FARESI, 2025.  
          24f.;

          Orientador: Prof. Aderilson Anunciação de Oliveira  
          Artigo científico (bacharel) em Psicologia. – Faculdade da  
          Região Sisaleira - FARESI. Conceição do Coité, 2025.

          1. Ensino dialógico. 2. Ferramenta educacional. 3. Psicologia.  
          I. Faculdade da Região Sisaleira – FARESI. II. Oliveira, Aderilson  
          Anunciação de. III. Título.

CDD: 370.15

**MARIA ALICE DA SILVA XAVIER**

**INTERSEÇÕES ENTRE PSICODRAMA, EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO NÃO  
VIOLENTA: CONSTRUINDO UM ENSINO DIALÓGICO**

**Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título  
de Bacharel em Psicologia, pela Faculdade da Região Sisaleira.**

**Aprovado em 09 de junho de 2025.**

**Banca Examinadora:**

**Aderilson Anunciação de Oliveira / [aderilson.oliveira@faresi.com.br](mailto:aderilson.oliveira@faresi.com.br)**

**Rafael Reis Bacelar Antón / [tcc@faresi.edu.br](mailto:tcc@faresi.edu.br)**

**Itana Kaléia Araújo Carneiro dos Santos / [itanakaleia@faresi.edu.br](mailto:itanakaleia@faresi.edu.br)**

**Bruna Pinto Pastor / [brunapinto.psi@gmail.com](mailto:brunapinto.psi@gmail.com)**



**Rafael Reis Bacelar Antón**

**Presidente da banca examinadora**

**Coordenação de TCC – FARESI**

# INTERSEÇÕES ENTRE PSICODRAMA, EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA: CONSTRUINDO UM ENSINO DIALÓGICO.

Maria Alice da Silva Xavier<sup>1</sup>

Aderilson Anunciação de Oliveira<sup>2</sup>

## RESUMO

Este projeto propõe a integração de dois saberes interdisciplinares: o Psicodrama e a Comunicação Não Violenta (CNV). Embora o Psicodrama tenha suas raízes na dramatização e na exploração dos papéis dos indivíduos em situações de conflito, aqui ele é empregado como ferramenta de vivência e reestruturação dos padrões comunicacionais. A integração entre escola, psicologia escolar, psicodrama e CNV, oferece um modelo robusto para promover o desenvolvimento emocional e social dos estudantes. A relevância do tema reside na necessidade de transformar práticas pedagógicas que se baseiam em transmissões únicas de conhecimento em processos dialógicos e participativos. Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar interseções entre psicodrama, educação e comunicação não violenta, para a construção de um ensino dialógico. Tem como metodologia, pesquisa de natureza qualitativa fundamentada em uma revisão de literatura. Conclui-se que, é de fundamental importância compreender as técnicas do psicodrama integradas no ambiente educacional, os princípios da comunicação não violenta e como eles podem ser aplicados em sala de aula e as contribuições do psicodrama e da comunicação não violenta para a construção de um modelo de ensino dialógico.

**Palavras-chave:** Ensino dialógico; ferramenta educacional; psicologia.

## ABSTRACT

This project proposes the integration of two interdisciplinary areas of knowledge: Psychodrama and Nonviolent Communication (NVC). Although Psychodrama has its roots in dramatization and the exploration of the roles of individuals in conflict situations, here it is used as a tool for experiencing and restructuring communication patterns. The integration of school, school psychology, psychodrama and NVC offers a robust model for promoting the emotional and social development of students. The relevance of the topic lies in the need to transform pedagogical practices that are based on unique transmissions of knowledge into dialogical and participatory processes. The general objective of this research is to identify intersections between psychodrama, education and nonviolent communication, for the construction of dialogical teaching. The methodology used is qualitative research based on a literature review. It is concluded that it is of fundamental importance to understand the psychodrama techniques integrated into the educational environment, the principles of nonviolent communication and how they can be applied in the classroom, and the contributions of psychodrama and nonviolent communication to the construction of a dialogical teaching model.

**Keywords:** Dialogic teaching; educational tool; psychology.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Bacharelado em Psicologia. E-mail: maria.alice@faresi.edu.br

<sup>2</sup> Orientador. Docente do Curso de Psicologia. E-mail: [aderilson.oliveira@faresi.com.br](mailto:aderilson.oliveira@faresi.com.br)

## 1. INTRODUÇÃO

No ambiente escolar, a forma de comunicação entre os agentes, sejam professores, alunos, equipe pedagógica ou família, é o fator determinante para a construção de um clima de colaboração, respeito e aprendizado significativo. A comunicação cotidiana, quando pautada em padrões reativos ou autoritários, pode gerar conflitos e mal-entendidos que prejudicam o processo educacional. Em contrapartida, a adoção de práticas que incentivem o diálogo consciente e a escuta ativa pode transformar a escola em um espaço de construção coletiva do conhecimento e da cidadania (Pereira *et al.*, 2020).

Este projeto propõe a integração de dois saberes interdisciplinares: o Psicodrama e a Comunicação Não Violenta (CNV). Embora o Psicodrama tenha suas raízes na dramatização e na exploração dos papéis dos indivíduos em situações de conflito, aqui ele é empregado como ferramenta de vivência e reestruturação dos padrões comunicacionais. A CNV, desenvolvida por Marshall Rosenberg (2006), apresenta um método estruturado para o diálogo, centrado na observação, na identificação das necessidades e na formulação de pedidos de forma clara e empática. Essa combinação visa não apenas a resolução de conflitos, mas a construção de um ensino dialógico que privilegie a comunicação consciente e colaborativa (Monteiro *et al.*, 2020).

É necessário destacar que CNV, concebida por Marshall Rosenberg (2006), constitui um modelo teórico-prático de interação interpessoal que visa à construção de relações pautadas na empatia, na escuta ativa e na expressão autêntica das experiências subjetivas. Fundamentada na premissa de que os conflitos humanos decorrem, em sua maioria, do modo de comunicação estabelecida, propondo um processo que envolve, inicialmente, a observação objetiva dos fatos, sem julgamento. Em seguida, busca-se identificar os sentimentos gerados pela situação e reconhecer as necessidades subjacentes a esses sentimentos. Somado a isso, Pereira *et al.*, (2020), afirmam que ao deslocar o foco da acusação para a autorresponsabilidade e da imposição para a colaboração, a CNV se configura como uma metodologia eficaz na mediação de conflitos.

De modo complementar, o Psicodrama, desenvolvido por Jacob Levy Moreno, em 1993, é uma abordagem terapêutica que utiliza a dramatização e a representação de papéis como instrumento para a compreensão e resolução de conflitos emocionais

e interpessoais. Alicerçado na teoria da ação, o psicodrama propõe que, ao encenar eventos passados, presentes ou futuros, os indivíduos podem externalizar sentimentos e experiências, facilitando o processo de autoconhecimento e transformação pessoal (Moreno, 1993). Fleury (2020), descreve que ao ser utilizado em contextos clínicos, educacionais e organizacionais, o psicodrama visa melhorar a interação social, a assertividade e o autoconhecimento.

Desse modo, a integração entre escola, psicologia escolar, psicodrama e CNV, oferece um modelo robusto para promover o desenvolvimento emocional e social dos estudantes. Como afirma Pereira (2025), a psicologia escolar desempenha um papel crucial na identificação de questões emocionais e comportamentais, criando estratégias para apoiar o bem-estar mental dos alunos. O psicodrama, ao proporcionar um ambiente seguro para a dramatização e expressão de sentimentos, pode ser utilizado como instrumento terapêutico que facilita a resolução de conflitos internos e interpessoais, como destaca Moreno (1993). Agregado a esse contexto, a CNV, ao focar na comunicação empática e na resolução de conflitos sem agressão, complementa essa abordagem, ajudando a criar um ambiente escolar mais harmonioso e colaborativo. A combinação dessas abordagens possibilita o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais dos alunos, fundamentais para a construção de relações saudáveis e para o sucesso acadêmico e pessoal (Pereira, 2025).

Desse modo, a relevância do tema reside na necessidade de transformar práticas pedagógicas que se baseiam em transmissões únicas de conhecimento em processos dialógicos e participativos. Busca promover uma mudança cultural na escola, incentivando os participantes a repensarem a maneira como se comunicam e se relacionam, contribuindo para um ambiente mais inclusivo e colaborativo.

Entende-se que as práticas pedagógicas podem se tornar mais eficazes e humanas ao incorporar a empatia e a participação colaborativa. Segundo Fleury (2020), a incorporação do psicodrama no contexto educacional potencializa o autoconhecimento e a expressão emocional, enquanto os fundamentos da comunicação não violenta desempenham um papel crucial no fortalecimento das relações interpessoais e na resolução de conflitos. A fusão dessas abordagens visa estabelecer um modelo de ensino que valoriza as subjetividades, promove o diálogo e favorece a construção coletiva do saber.

Nesse contexto apresenta-se como objetivo geral: identificar interseções entre psicodrama, educação e comunicação não violenta, para a construção de um ensino dialógico. Como objetivos específicos: compreender como as técnicas do psicodrama podem ser integradas ao ambiente educacional; analisar os princípios da comunicação não violenta e como eles podem ser aplicados em sala de aula; investigar como a combinação de psicodrama e comunicação não violenta pode contribuir para a construção de um modelo de ensino dialógico.

## **2. METODOLOGIA**

Esta pesquisa é de natureza qualitativa fundamentada em uma revisão de literatura, com o objetivo de explorar as interseções entre psicodrama, educação e comunicação não violenta, visando à construção de um ensino dialógico. O estudo busca identificar como essas abordagens podem ser integradas no contexto educacional para promover práticas pedagógicas mais inclusivas e colaborativas. Além disso, pretende-se analisar como a combinação dessas metodologias pode contribuir para a melhoria das relações interpessoais e a criação de um ambiente de aprendizagem mais empático e respeitoso.

O artigo busca oferecer um conhecimento descritivo, baseado em uma seleção criteriosa de artigos, revistas, monografias e periódicos, analisados sob a ótica da abordagem qualitativa. Os descritores utilizados na pesquisa incluem: Psicodrama, Educação, Comunicação Não Violenta, Ensino Dialógico e Práticas Pedagógicas. Para a seleção dos conteúdos, foram considerados estudos atualizados, abrangendo o período de 2020 a 2025, com fontes provenientes do Google Acadêmico e de repositórios como o *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), entre outros.

Os critérios de inclusão foram definidos por meio da seleção de artigos completos, acessíveis gratuitamente, dentre os últimos cinco anos e com relevância para o tema abordado.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 A prática do psicodrama como ferramenta educacional

A responsabilidade pela educação não é atribuída exclusivamente à escola, mas também à família (Sousa, 2021). O artigo 205 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), estabelece que a educação é um direito de todos, assegurado tanto pelo Estado quanto pela família, com o objetivo de promover o pleno desenvolvimento da pessoa e o exercício da cidadania.

A partir dessa legislação, percebe-se que a educação é um processo contínuo e complementar, que ocorre tanto no contexto familiar quanto na escola. Dessa forma, Nascimento (2024), enfatiza que tanto a família, quanto às instituições educacionais tem papéis fundamentais e devem atuar de maneira integrada, convergindo para o desenvolvimento integral do indivíduo. É inegável que, na sociedade atual, a escola contemporânea está frente às transformações sociais e, por isso, se vê desafiada a adotar novos posicionamentos, refletindo uma mudança de paradigma nas concepções de escola e no processo de ensino-aprendizagem.

Para Sousa (2021), a contemporaneidade exige que a escola busque continuamente novos recursos para aprimorar suas metodologias de ensino, atitudes e posturas. As instituições educacionais precisam demonstrar flexibilidade frente às mudanças, assumir um papel ativo como agentes transformadores da realidade social e se abrir a novos saberes. Essa dinâmica exige um exercício constante da ética e a promoção da autonomia dos indivíduos, com o objetivo de alcançar a formação integral dos sujeitos. Santos (2021), por sua vez, destaca que o psicodrama surge como uma ferramenta valiosa, pois possibilita a vivência de situações que favorecem o autoconhecimento, a expressão de emoções e a resolução de conflitos.

Castro *et al.* (2020), afirmam que ao integrar o psicodrama nas práticas pedagógicas, a escola pode incentivar a participação ativa dos alunos, promovendo uma aprendizagem mais significativa e dialógica, que contribui para o desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais dos indivíduos, fundamentais para sua formação integral. Essa abordagem favorece um ambiente educacional mais acolhedor, no qual os estudantes se sentem motivados a compartilhar suas vivências, refletir sobre suas ações e interagir com os colegas de forma mais empática e colaborativa (Nascimento, 2024).

Por meio da dramatização, os alunos têm a oportunidade de experimentar diferentes papéis, compreender múltiplos pontos de vista e desenvolver a autonomia e a responsabilidade, elementos essenciais para a construção de cidadãos conscientes, críticos e engajados com a realidade em que estão inseridos (Sousa, 2021). Dessa forma, Castro *et al.* (2020), expõem que o psicodrama contribui não apenas para o aprendizado de conteúdos escolares, mas também para o crescimento pessoal e social dos estudantes, alinhando-se aos princípios de uma educação humanizada e transformadora.

O psicodrama, ao permitir a representação e o enfrentamento de situações emocionais, facilita a expressão de sentimentos e pensamentos, contribuindo para a construção de um ambiente educacional mais dinâmico e reflexivo. Essa abordagem possibilita aos alunos um espaço seguro para o autoconhecimento, a resolução de conflitos e o fortalecimento da empatia, aspectos essenciais para a construção de uma convivência harmônica e participativa (Martins, 2024, p. 21).

O autor supracitado entende que o Psicodrama Pedagógico é uma especialização do Psicodrama, aplicada no campo do Teatro e da Educação, a qual foi inicialmente desenvolvido como técnica terapêutica, o psicodrama demonstrou sua eficácia também como ferramenta educacional. No contexto pedagógico, a sua aplicação visa à transmissão e análise de conteúdo, revisão e aprofundamento de temas já estudados, esclarecimento de dúvidas e exemplificação de conceitos (Castro *et al.*, 2020).

Fundamentado na ideia de que a criação é o momento central da aprendizagem, Nascimento *et al.* (2025), sustentam que o Psicodrama busca restabelecer o contato com o homem espontâneo e criativo, capaz de gerar mudanças. Por meio da ação, a técnica psicodramática permite a exploração da fantasia e da abstração, promovendo uma aprendizagem que integra sensações, sentimentos, intuições e intelecto, favorecendo o desenvolvimento integral do sujeito.

Para Santos (2021, p.815):

O psicodrama pedagógico favorece o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas, permitindo que os participantes se envolvam de maneira ativa e criativa na construção do conhecimento. Essa abordagem, ao promover a interação entre os diversos elementos do grupo, cria um ambiente propício para o autoconhecimento e a reflexão, tornando o processo educativo mais dinâmico e significativo para todos os envolvidos.

Nesse contexto, o psicodrama pedagógico é uma abordagem que pode ser empregada em diferentes contextos de aprendizagem, desde que conduzidos por profissionais apropriadamente capacitados (Santos, 2021). Ele ainda complementa que a sua utilização é grande e contempla diversas áreas dos saberes, inclusive a educação. Essa ferramenta é estruturada em três eixos principais: o contexto social, o grupal e o dramático. O contexto social refere-se ao espaço externo ao grupo, destinando-se ao ambiente mais amplo no qual o grupo está inserido, como a escola. O contexto grupal envolve os participantes diretos, ou seja, os alunos, além do diretor e/ ou professores, além dos auxiliares (Nascimento *et al.*, 2025; Castro *et al.*, 2020).

De acordo com Castro *et al.* (2020), para que se tenha uma dinâmica harmoniosa, é apropriado que o grupo seja composto por no mínimo seis e no máximo quinze pessoas. Nascimento *et al.* (2025), por sua vez, dizem ser importante destacar que o psicodrama utiliza uma gama de técnicas, sendo algumas exclusivas do Psicodrama Psicoterapêutico. Contudo, inúmeras dessas técnicas também se aplicam com efetividade ao Psicodrama Pedagógico. Das técnicas mais utilizadas nesse contexto, destacam-se a inversão de papéis, no qual a protagonista troca de lugar com outro participante, podendo ele ser real ou simbólico, com o intuito de compreender melhor o ponto de vista do outro; a interpolação de resistência que consiste na introdução de um elemento estranho à cena, com a finalidade de provocar mudanças e estimular percepções novas (Santos, 2021).

De modo complementar, Sousa (2021), enfatiza que a prática do psicodrama pedagógico, o objetivo central tem como alvo os papéis desempenhados na interpelação aluno e professor, sobretudo no processo de aprendizagem. Compreende-se o papel como a unidade cultural de conduta, a principal via de comunicação entre o indivíduo e o meio. O psicodrama não se resume à encenação, trata-se de uma técnica sistematizada voltada ao trabalho com grupos e indivíduos, que visa promover transformação por meio da ação dramática (Santos, 2021).

Duarte (2025), pontua que a educação é um processo contínuo que possibilita a participação ativa dos indivíduos. Esse processo torna-se evidente por meio de muitas formas de expressão. Santos (2021), destaca que a educação busca formar e desenvolver os indivíduos, capacitando-os para atuar de forma criativa e transformadora do seu meio, promovendo mudanças expressivas. Para que esse processo educativo se concretize plenamente, é necessário fomentar uma atitude criativa, capaz de recriar a cultura em que se está inserido.

O psicodrama pedagógico oferece um espaço único para a exploração e expressão dos diversos aspectos da experiência humana. Ao trabalhar com o corpo, a emoção e o pensamento, ele cria um ambiente seguro e criativo no qual os indivíduos podem experimentar novas formas de ser e de se relacionar com os outros. Isso não só facilita o aprendizado de novas habilidades, mas também promove o desenvolvimento de uma consciência crítica e reflexiva sobre o mundo ao redor. O psicodrama, portanto, não é apenas uma ferramenta de ensino, mas uma prática transformadora que envolve a totalidade do ser humano, permitindo-lhe se conectar com os outros e consigo mesmo de maneira mais profunda e autêntica (Duarte, 2025, p. 73).

Na área da educação, o psicodrama incentiva a manifestação da espontaneidade, o florescimento da criatividade e a habilidade de interações lúdicas, compreendida aqui como uma forma de expressão simbólica. Winnicott (1975), ressalta, ao discutir a psicoterapia, a relevância de manter viva a faculdade de brincar, pois é por meio dessa prática que o sujeito se comunica e se revela sem amarras.

Durante o brincar, emergem ideias, reflexões, motivações, emoções, percepções e atitudes. Apesar de, inicialmente, tais componentes parecerem soltos, com a evolução do processo torna-se viável identificá-los e uni-los, auxiliando na reestruturação da individualidade. A ação dramática revela os conteúdos da aprendizagem e conecta elementos internos e externos, favorecendo uma compreensão mais profunda e transformadora da experiência educativa.

### **3.2 Comunicação não violenta no contexto educacional**

As situações conflituosas e as práticas associadas à cultura da violência têm se intensificado no ambiente escolar, despertando crescente preocupação entre a sociedade e os profissionais da educação. Esse fenômeno configura-se como um desafio real e urgente, o que demanda um enfrentamento cuidadoso e eficaz.

Partindo dessa compreensão, é possível perceber que os princípios da cultura de paz podem se sobrepor mesmo em contextos em que a violência está profundamente enraizada na cultura local. Nesse cenário, Abreu *et al.* (2025), destaca que a Comunicação Não-Violenta se revela um instrumento essencial, com resultados positivos, especialmente diante da realidade enfrentada cotidianamente pelas escolas. Compreende-se assim, que a inserção da Comunicação Não-Violenta no ambiente escolar contribui de forma significativa para o fortalecimento de vínculos, abrindo caminhos mais efetivos para a superação da violência em sala de aula.

Para Montes *et al.* (2025), esse tipo de abordagem promove o diálogo e a escuta empática, viabilizando lidar com situações diversas, desde o *bullying* até agressões físicas, por intermédio de uma comunicação centrada na compreensão, no acolhimento das emoções, na construção conjunta de soluções, e não apenas na imposição de regras ou punições.

Desde o início da década de 1990, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), tem se dedicado à construção de um novo paradigma social, por meio de pesquisas e propostas que colocam a educação no centro das transformações necessárias para um mundo mais justo. Um marco importante nesse processo é o relatório *Educação: um tesouro a descobrir* (1996), elaborado pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, sob a presidência de Jacques Delors. O documento apresenta os quatro pilares fundamentais da educação — aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser — como caminhos para o desenvolvimento integral do ser humano.

Mais do que conceitos, esses pilares propõem uma visão de educação que forma sujeitos capazes de atuar com consciência, sensibilidade e responsabilidade diante dos desafios contemporâneos. Complementando essa visão, a UNESCO também tem defendido a integração da cultura como eixo estratégico do desenvolvimento sustentável, reconhecendo seu papel essencial na construção de sociedades mais inclusivas, solidárias e equitativas.

Através de diversos organismos internacionais, em particular, da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, a UNESCO propõe os quatro pilares fundamentais de uma educação voltada para as necessidades emergentes do mundo contemporâneo: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver (Santos, 2025). O autor citado complementa que essa abordagem inovadora busca uma formação integral, que equilibre o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, promovendo a harmonia entre o interior e o exterior do ser humano, entre a razão e o sentimento. Tais princípios se interligam por meio da transdisciplinaridade, que integra diferentes saberes e perspectivas, promovendo uma compreensão mais ampla e sensível da realidade. Essa abordagem favorece uma educação voltada à complexidade humana e social.

Abreu *et al.* (2025) alertam para a importância do diálogo e da paz, destacando como sua combinação prepara de forma eficaz crianças e jovens para o

desenvolvimento de habilidades sociais essenciais, como a construção de uma personalidade equilibrada, o aprendizado de boas relações sociais e valores socioemocionais, além do aprimoramento das relações interpessoais por meio de uma comunicação eficiente.

A instituição escolar, como espaço de convivência, tem a responsabilidade de vivenciar práticas de Cultura de Paz, essenciais para garantir o sucesso educacional. Outrossim, a Cultura de Paz é compreendida como um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados no respeito à vida, na rejeição da violência, na promoção da não violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação. Portanto, educar para a paz consiste em aprender a identificar e lidar com os conflitos de forma adequada, destacando ser possível encontrar soluções não violentas para os conflitos cotidianos nas escolas (Montes *et al.*, 2025).

Neste meandro, Machado (2025), resgata o conceito de amorosidade como fundamental para a implementação de uma escola democrática, um princípio defendido por Freire (2019). Tal perspectiva política defende que todo ser humano é capaz de aprender quando são ofertadas as condições adequadas. Nesse entendimento, a comunicação empática e não-violenta torna-se importante, pois ela visa educar para ajudar, não excluir. Para que a educação seja transformadora, é imperioso adotar uma metodologia ativa, dialética, dialógica, efetivamente mediadora e comprometida com a superação das dificuldades de todos (Machado, 2025).

Sob essa ótica, a Comunicação Não-Violenta (CNV), proposta por Rosenberg (2006), é uma abordagem fundamental para a construção das interações sociais saudáveis e para a resolução de conflitos de maneira construtiva. Rosenberg (2006), defende que a CNV se baseia em habilidades de comunicação que priorizam o respeito. A sua aplicação no contexto educacional contribui para a criação de um espaço colaborativo e harmonioso.

A Comunicação Não-Violenta (CNV), por fundamentar-se no respeito mútuo e na cooperação, pode ser compreendida como uma extensão da prática pedagógica freiriana, aplicando-se não apenas às relações entre docentes e discentes, mas também a todo o contexto das interações no ambiente educacional (MACHADO, 2025, p. 31).

Santos e Silva (2021), reforçam que ao aplicar a CNV, a escola se torna um espaço que valoriza a diversidade e promove a construção de uma sociedade mais justa e equânime. Isso porque, ao ser adotada como prática mediadora, a

Comunicação Não-Violenta torna-se essencial para um ensino que valoriza as diferenças e realidades dos estudantes e servidores, em consonância com a visão de Freire (2019) de que todos são capazes de aprender quando lhes são oferecidas as condições adequadas.

### **3.3 Construção de um ensino dialógico tendo o psicodrama e a CNV como instrumentos interventivos**

Admite-se que a construção de um ensino verdadeiramente dialógico requer práticas pedagógicas que superem os modelos tradicionais centrados apenas na transmissão de conteúdo. Contudo, o psicodrama e a CNV emergem como ferramentas interventivas potentes de promover espaços educativos mais humanos, empáticos e participativos.

Santos (2021), enfatiza que ambas as metodologias compartilham a valorização do ser humano em sua integralidade, reconhecendo emoções, histórias de vida e relações como elementos importantes para o processo de aprendizagem. Para Castro *et al.*, (2020), o psicodrama, ao utilizar a dramatização como meio de expressão e reflexão, proporciona ao ambiente educacional a possibilidade de tornar mais visíveis questões internas e coletivas que influenciam diretamente as dinâmicas da sala de aula.

Em conformidade com Paulo Freire (1966), ensinar não é simplesmente passar adiante um conhecimento pronto, mas sim criar caminhos para que ele possa nascer e florescer junto com o outro. Nesse processo, o educador deixa de ocupar o lugar central e passa a caminhar lado a lado com o estudante, atuando como alguém que provoca, escuta, inspira e aprende também. Essa mudança rompe com a ideia antiga de que o aluno é apenas alguém vazio a ser preenchido. Pelo contrário: cada encontro em sala se torna uma oportunidade de construir sentidos juntos, numa troca viva, horizontal e cheia de significado.

Sousa (2021), expõem que a vivência de situações por meio da dramatização permite aos discentes e docentes a ressignificação de experiências, a construção de novos sentidos e o fortalecimento da empatia. Com isso, Duarte (2025), reforça que o psicodrama não amplia apenas a escuta, mas também promove a compreensão do outro em sua individualidade. Em adição, essa ferramenta possibilita a reflexão sobre diferentes pontos de vista, estimulando o desenvolvimento da comunicação e do vínculo interpessoal. Ao assegurar um espaço seguro para a expressão de emoções

e conflitos, o psicodrama favorece a criação de um ambiente de aprendizagem mais colaborativo e respeitoso. Dessa forma, torna-se uma ferramenta valiosa na construção de uma prática educativa mais inclusiva e transformadora.

De modo complementar, a CNV, proposta por Rosenberg (2006), estrutura-se sobre os pilares da empatia, da escuta ativa e do respeito mútuo. Sua implementação no contexto educacional, como afirma Santos e Silva (2021), favorece a criação de um ambiente seguro, onde estudantes e profissionais da educação têm a liberdade de expressar seus sentimentos e necessidades sem medo de julgamentos ou agressões. Segundo Montes *et al.* (2025), a CNV promove a resolução pacífica de conflitos e incentiva a colaboração, substituindo a competição, no espaço escolar.

Assim, ao serem integrados, o psicodrama e a CNV fortificam a elaboração de um modelo de ensino dialógico, no qual a comunicação se estabelece como elemento central na prática educativa. Conforme Machado (2025), esse modelo compreende que ensinar e aprender são ações relacionais e construídas na interação entre indivíduos, exigindo do professor uma postura sensível, aberta e mediadora. Desse modo, a transmissão de conhecimento deixa de ser unidirecional e passa a ser um processo conjunto, no qual todos os envolvidos possuem espaço para expressar as suas subjetividades.

Nesse entendimento, Pereira *et al.* (2020), enfatizam que a escuta ativa se torna um componente fundamental. Ouvir, de forma empática permite ao discente captar não apenas o conteúdo que é falado, mas também os sentimentos e necessidades subjacentes às falas dos alunos. Essa escuta, ao ser validada pelo psicodrama e pela CNV, transforma-se em ferramenta de acolhimento e pertencimento, fortalecendo os vínculos entre os membros da comunidade educacional. Abreu *et al.* (2025), reforçam que a validação das experiências vividas pelos estudantes também se caracteriza como uma contribuição relevante dessa abordagem integrada.

Para Santos (2025), construir um ensino verdadeiramente dialógico é um convite à superação de práticas autoritárias e meramente transmissíveis que ainda persistem em muitos espaços educativos. O autor supracitado enfatiza que se trata de criar ambientes onde o diálogo não seja apenas um recurso, mas o próprio caminho para a construção do conhecimento. Inspirado na pedagogia libertadora de Freire (2019), esse modelo educativo reconhece cada estudante como sujeito ativo da própria aprendizagem, valorizando sua escuta, suas vivências e sua capacidade de

questionar o mundo ao seu redor. Ao integrar essas abordagens ao fazer pedagógico, amplia-se a potência do ensino como espaço de encontro, afeto e transformação mútua.

### **3.4 A relevância da presença/pertença da/o Psicóloga/o Escolar e Educacional nas escolas para a integração entre o Psicodrama e a Comunicação Não-Violenta para a materialização de uma educação emancipadora**

Sabe-se que a instituição escolar, em sua complexidade social e cultural, representa um dos ambientes mais influentes para a transformação das relações interpessoais. Nesse espaço misturam-se diferentes narrativas e estruturas de poder que interferem na construção do sujeito. Nesse entendimento, Santos *et al.*, (2025) reforçam que a presença do profissional de psicologia escolar e educacional torna-se imprescindível não apenas para responder a demandas pontuais de inquietações psíquicas, mas, especialmente, como um articulador de práticas emancipadoras, promotoras de saúde, pertencimento e diálogo.

Para Rodrigues (2024, p.6)

O espaço escolar, como cenário dinâmico de trocas simbólicas e relações de poder, exerce profunda influência na formação subjetiva dos indivíduos. Nesse contexto, a atuação do psicólogo escolar e educacional ultrapassa a dimensão técnica de atendimento a casos pontuais, assumindo um papel estratégico na criação de práticas educativas transformadoras.

Diante dos desafios cotidianos, como a violência, a evasão escolar, o bullying, o adoecimento psíquico e as inúmeras formas de intolerância, Santos *et al.*, (2025), esclarecem que o ambiente educacional precisa se reinventar como espaço de acolhimento, reconstrução de vínculos e promoção da convivência sadia. A intervenção do psicólogo escolar e educacional no espaço escolar é importante para promover um ambiente educacional ativo e interativo, bem como contribuir para as diversas áreas do desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, visando alinhar o trabalho pedagógico e promover o suporte aos professores e a comunidade escolar (Santos, 2021).

Ribeiro (2024), entende que a associação entre o psicodrama e CNV surge como uma via promissora para o fortalecimento dessas práticas. Os dois recursos fundamentam-se na valorização da escuta, da empatia e da expressão legítima dos sentimentos e necessidades. O psicodrama como ferramenta de intervenção psicossocial e educacional, baseia-se na dramatização espontânea como meio de

ressignificar as vivências e desenvolver o protagonismo (Santos, 2021). A CNV, por sua vez, busca transformar padrões de comunicação marcados pela violência simbólica em interações mais empáticas e colaborativas (Rosenberg, 2006).

De modo complementar, Pereira *et al.* (2020), informam que a CNV contribuiu para desarmar os discursos alicerçados na agressividade que muitas vezes permeiam as interações escolares. Montes *et al.* (2025), explicam que em ambientes onde há disputas de autoridade, silenciando de vozes e desvalorização das emoções, a CNV oferece uma alternativa pedagógica que defende a conexão entre os sujeitos. Ela parte do princípio que toda ação humana é uma tentativa de atender a uma necessidade, ainda que esteja distorcida por experiências atreladas à dor.

Desse modo, a interação integrada entre o psicodrama e a CNV potencializa a construção de uma instituição escolar democrática, na qual os alunos e colaboradores não apenas assimilam conteúdos curriculares, mas desenvolvem modos éticos, conscientes e relacionais de estar no mundo. Nesse entendimento, Rodrigues *et al.*, (2024), afirmam que o psicólogo educacional e escolar, ao ser o mediador dessas práticas, amplia de modo significativo a sua função tradicional, descolando-se de uma função centrada no diagnóstico e na intervenção de crises individuais para assumir o papel de agente facilitador da convivência escolar.

Segundo Rocha (2024, p.46):

A prática do psicólogo no ambiente escolar vai além do atendimento clínico pontual, exigindo uma atuação comprometida com a construção de contextos educacionais mais inclusivos e atentos às particularidades de cada estudante. Sua inserção nas instituições de ensino é fundamental para questionar estruturas que mantêm desigualdades e promover interações baseadas na escuta sensível, no respeito mútuo e na valorização das diferenças. Nesse sentido, a Psicologia Escolar deve contribuir ativamente para uma educação que estimule o pensamento crítico e relacional, rompendo com modelos autoritários e promovendo vivências que favoreçam a autonomia dos sujeitos.

Sob essa perspectiva, a atuação do psicólogo escolar e educacional, não pode se restringir a uma função clínica ou de atendimento individualizado. Rodrigues (2024), destaca que a presença desse profissional é estratégica no fortalecimento de uma cultura escolar mais aberta às singularidades dos alunos, e ao mesmo tempo mais crítica as dinâmicas excludentes que permeiam esses ambientes. A educação emancipadora, como aponta Freire (2019), não se faz mecânica, mas sim dialógica. Com base nesse entendimento, é possível compreender que a psicologia escolar

ocupa um lugar essencial, na qual deve colaborar para a criação de espaços educativos que viabilizem o diálogo, a escuta ativa e o exercício da alteridade.

É de grande valor destacar nas décadas de 1960 e 1970, a relação entre a educação e a psicologia, estava voltada sobretudo, na tentativa de explicar as dificuldades de aprendizagem, quase sempre interpretadas a partir de resultados feitos com crianças em testes de QI. Os conhecimentos psicológicos eram utilizados erroneamente de forma reducionista e ideologicamente enviesada, com ênfase classificatória, utilizando a psicometria como ferramenta predominante na avaliação do rendimento escolar. Somente na década de 1980, algumas críticas mais decisivas começaram a aparecer questionando o papel da psicologia na abordagem dos problemas escolares e os rumos tomados por suas práticas em campo (Santos, 2024).

Santos *et al.*, (2025), acrescentam que o reconhecimento oficial da Psicologia Escolar como especialidade pelo Conselho Federal de Psicologia, em 2007, constituiu um marco promissor na consolidação dessa área no campo profissional e científico da psicologia. Barbosa (2024), destaca que esse reconhecimento conferiu a legitimidade formal à atuação desse profissional no ambiente escolar, bem como indicou o amadurecimento de debates históricos em torno da função social da psicologia na educação. O autor informa ainda que esse fato decisivo representou o resultado de um movimento crítico que, desde a década de 1980, vinha questionando as práticas tradicionais, centradas em modelos clínicos-diagnósticos e pautadas em perspectivas individualizantes e ligadas a determinadas patologias acerca do fracasso escolar.

Rocha (2024), discorrem que na contemporaneidade, desempenhar o papel de psicólogo escolar e educacional no Brasil, demanda compreender as necessidades das pessoas no que tange aos processos educacionais, independentemente do contexto ou das condições sociais ou políticas em que se encontrem. Esse profissional busca defender os direitos do indivíduo no atendimento de suas necessidades educacionais e promover seu desenvolvimento, sem discriminação ou intolerância de qualquer grau ou natureza, evitando reproduzir formas de dominação (Barbosa, 2024).

Por outro lado, o psicólogo escolar e educacional deve estar ciente de que sua atuação envolve um campo de trabalho amplo, complexo e em constante transformação, com inúmeras metodologias de intervenção. Rodrigues (2024), reforça que esse colaborador ocupa um lugar estratégico na identificação e na ingerência precoce em questões emocionais, comportamentais e de aprendizagem, sendo capaz

de detectar sinais de sofrimento psiquiátrico, dificuldades cognitivas, transtornos de aprendizagem e problemas de convivência. Sua atuação contribui de maneira decisiva para a promoção do bem-estar psicológico dos estudantes, fortalecendo os vínculos escolares e favorecendo um ambiente mais acolhedor, inclusivo e propício ao desenvolvimento integral.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa teve como propósito investigar as possíveis interseções entre o Psicodrama, a Educação e a Comunicação Não Violenta (CNV), na perspectiva de construção de um ensino dialógico. A partir da revisão teórica realizada, foi possível perceber que a integração dessas abordagens representa uma contribuição significativa para a humanização das práticas pedagógicas, ao favorecer a escuta ativa, a empatia, a expressão emocional e o fortalecimento dos vínculos interpessoais no ambiente escolar.

O Psicodrama, ao propor a dramatização de vivências e a resignificação de experiências, oferece um campo fértil para o desenvolvimento da espontaneidade, da criatividade e do autoconhecimento. Já a CNV, ao orientar os sujeitos a se comunicarem com base na observação sem julgamentos, no reconhecimento de sentimentos e na expressão de necessidades legítimas, possibilita uma convivência mais respeitosa, colaborativa e sensível às diferenças. Quando aplicadas de forma articulada no contexto educacional, essas abordagens contribuem para a criação de ambientes mais dialógicos, democráticos e afetivos, em que o aprender se torna também um exercício de convivência e cuidado.

Dessa forma, conclui-se que integrar o Psicodrama e a Comunicação Não Violenta ao ambiente escolar é um caminho promissor para a construção de práticas pedagógicas mais éticas, dialógicas e sensíveis ao desenvolvimento integral dos sujeitos. Nesse contexto, o psicólogo escolar e educacional assume um papel estratégico, não apenas como mediador de conflitos e promotor da saúde emocional, mas também como agente articulador de práticas humanizadas que valorizam a escuta, a convivência e o reconhecimento das singularidades. Sua presença qualificada nas instituições de ensino contribui para a criação de um espaço formativo que acolhe, transforma e

emancipa. Que este trabalho sirva de subsídio para ampliar a reflexão e fomentar ações que fortaleçam o compromisso da Psicologia com uma educação verdadeiramente democrática, afetiva e libertadora.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Anna Carolline de Oliveira Barbosa *et al.* Comunicação libertadora na educação profissional e tecnológica: uma revisão sistemática de literatura. **Ensino & Pesquisa**, v. 23, n. 1, p. 251-264, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/ensinoepesquisa/article/view/9529>. Acesso em: 29 abr. 2025.

BARBOSA, Maria da Silva. Contribuições da psicologia escolar para o sucesso de uma instituição de educação. **Revista Encontros Científicos UniVS| ISSN: 2595-959X**, v. 6, n. 2, p. 67-70, 2024. Disponível em: <https://rec.univs.edu.br/index.php/rec/article/view/370>. Acesso em: 21 mai. 2025.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Art. 205. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 10 abr. 2025.

CASTRO, Aurineide Maria de Almeida *et al.* A atuação do psicopedagogo institucional e sua intervenção nas dificuldades de aprendizagem. **Revista Faculdade Famen**, n. 1, v. 1, p. 12-15, 2020. Disponível em: <https://revistafamen.com.br/index.php/revistafamen/article/view/8/11>. Acesso em: 13 abr. 2025.

DELORS, Jacques *et al.* Educação: um tesouro a descobrir. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1999.

DUARTE, Eliane Cristina Flexa. Desafios e contribuições das NTICS na prática pedagógica escolar: reflexões e reconfigurações no processo de ensino-aprendizagem. **Revista Contemporânea**, v. 5, n. 2, p. 73-78, 2025. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/7388/5231>. Acesso em: 13 abr. 2025.

FLEURY, Heloisa Junqueira. O segundo século do psicodrama. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 29, n. 1, p. 1, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/6878/687872911008.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1966.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019, p. 256.

MACHADO, Rachel *et al.* Sociedade em rede e formação de comunidades virtuais: novas perspectivas de aprendizagem inclusiva, colaborativa e não violenta. **Revista**

**de Direito Magis**, v. 3, n. 2, 2025, p. 31-48. Disponível em: <https://periodico.agej.com.br/index.php/revistamagis/article/view/64/49>. Acesso em: 29 abr. 2025.

MARTINS, João Lucas. **A pedagogia psicodramática na educação do filosofar: humanização, inovação e tecnologia**. Centro Universitário Internacional UNINTER mestrado profissional em educação e novas tecnologias, 2023. Disponível em: [https://www.uninter.com/mestrado/wp-content/uploads/2024/04/VersãoFinal\\_Dissertação\\_José-Lucas-Martins.pdf](https://www.uninter.com/mestrado/wp-content/uploads/2024/04/VersãoFinal_Dissertação_José-Lucas-Martins.pdf). Acesso em: 07 abr. 2025.

MONTE, Luícia Ferreira Silva; TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento. Formação para a comunicação não violenta para servidores do campo da educação profissional. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, v. 13, n. 1, p.5159-5170, 2025. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revistainterfaces/article/view/2346/1220>. Acesso em: 30 abr. 2025.

MONTEIRO, Luana Silva *et al.* A importância da comunicação não violenta (CNV) nas organizações públicas. **Revista Femass**, n. 2, p. 56-60, 2020. Disponível em: <https://revistaeletronica.macaerj.gov.br/index.php/femass/article/view/23/42>. Acesso em: 07 abr. 2025.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. Editora Cultrix, 1993.

NASCIMENTO, Ana Rogélia Duarte *et al.* Atuação da/o psicóloga/o escolar em espaços coletivos: um levantamento da literatura. **Perspectiva**, v. 43, n. 4, p. 1-23, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/101021>. Acesso em: 13 abr. 2025.

NASCIMENTO, Suelânia Albino Duarte. Relação escola e família e a intervenção do psicopedagogo. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, v. 13, n. 2, p. e859-e859, 2024. Disponível em: <https://journalppc.com/RPPC/article/view/859/497>. Acesso em: 07 abr. 2025.

PEREIRA, Elias Gonzaga. Rodas de conversa com adolescentes: possibilidades de intervenção em psicologia escolar. 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/45047>. Acesso em: 08 abr. 2025.

PEREIRA, Maria Eduarda Guarani *et al.* **Comunicação não-violenta aplicada ao contexto escolar, 2020**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) – Universidade [Nome da Universidade], [Cidade], 2020. Disponível em: <https://portfolio-back.multiversa.edu.br/storage/projetos/documentos/UKlWiSfe7Bs bB1BWCEXXr1TJuwVDfQ5V9luEzcO5.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2025.

RIBEIRO, Maria Eduarda. O papel do psicólogo no âmbito escolar. **Revista Encontros Científicos UniVS**, v. 6, n. 2, p. 120-123, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/7711/5427>. Acesso em: 21 mai. 2025.

ROCHA, Himardes Freire *et al.* A importância da relação entre a escola, família e a psicologia na vida dos alunos. In: **A práxis do psicólogo na escola**. Editora

Científica Digital, 2024. p. 46-64. Disponível em: <https://eadfap.com/revista/index.php/vl1/article/view/114>. Acesso em: 22 mai. 2025. Acesso em: 22 mai. 2025.

RODRIGUES, Edilamar *et al.* Políticas de saúde mental e a psicologia no ambiente escolar: reflexões sobre o enfrentamento à violência. **Revista científica eletrônica da faculdade de piracanjuba-issn 2764-4960**, v. 4, n. 7, p. 6-24, 2024. Disponível em: <https://eadfap.com/revista/index.php/vl1/article/view/114>. Acesso em: 22 mai. 2025.

RODRIGUES, Raissa Gomes. Atuação do psicólogo e a violência nas escolas: estratégias de prevenção ao bullying: estratégias de prevenção ao bullying. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 9, n. 1, p. 56-57, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/7711/5427>. Acesso em: 13 abr. 2025. Acesso em: 13 abr. 2025. Acesso em: 2i mai. 2025.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. 3. ed. São Paulo: Ágora, 2006.

SANTOS NUNES, Allana *et al.* Psicologia educacional e psicologia escolar: atuações possíveis. **Revista Expressão Católica**, v. 13, n. 1, p. 51-58, 2024. Disponível em: <http://publicacoes.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/rec/article/view/814>. Acesso em: 21 mai. 2025.

SANTOS, Evelyn Vieira. A teoria da comunicação não violenta à prática: os pilares da CNV na mediação de conflitos. **Revista Foco**, v. 18, n. 4, p. e8190-e8190, 2025. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/8190>. Acesso em: 28 abr. 2025.

SANTOS, Gildair; SILVA, Assis Leão. A organização dos espaços pedagógicos em educação profissional e tecnológica: aproximações da literatura acadêmica. **Editora Realize**, v. 5, n. 6, p. 17-19, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/83442>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SANTOS, Jandira Dantas *et al.* O psicólogo escolar e educacional: atuação e prática no fortalecimento da educação. **Revista Contemporânea**, v. 5, n. 3, p. e7711-e7711, 2025. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/7711/5427>. Acesso em: 20 mai. 2025.

SANTOS, Karine dos. Práticas Restaurativas no ambiente escolar: contribuições à Orientação Educacional. **Corbellini, Silvana (Org.). Orientação educacional: registros de um percurso de formação [recurso eletrônico] Porto Alegre: Forma Diagramação**, 2021. p. 89-99, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/232558>. Acesso em: 28 abr. 2025.

SANTOS, Wolly. Intervenção psicopedagógica no tocante à indisciplina em sala de aula. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 12, p. 815-822, 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/3505/1371>. Acesso em: 07 abr. 2025.

SOUSA, Amanda Nataniele. **A intervenção psicopedagógica na relação escola e família:** uma revisão bibliográfica. 2021.

WINNICOTT, Donald. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.